

## **Espírito universitário**

Se existe alguma coisa de que o Brasil necessita imperiosamente é de autênticas universidades. Pensa-se muito na disseminação do ensino primário, na alfabetização de adultos, e pensa-se bem. Mas se julgue que o problema das universidades é uma questão burguesa, de interesse privativo das classes possuidoras, preocupadas com a manutenção de uma liderança que sentem lhes ir fugindo. Sem dúvida a função das universidades é preparar as elites dirigentes, mas o conceito de elite não se confunde com privilégios de classe decorrentes da supremacia do poder econômico. Não ignoramos que as duas coisas têm andado juntas muitas vezes e que o título de “doutor” há sido utilizado como uma espécie de salvo conduto para obtenção de sinecuras e posições. Ainda hoje existe quem se rebele contra o “bacharelismo”, mal profundo da nacionalidade, ao qual periodicamente se lançam os anátemas da condenação patrioteira.

Estudo mais profundo revelaria, porém, exatamente o contrário, pois do empertigado bacharelismo caboclo tem a Pátria recebido muito mais benefícios que danos. Data da criação dos nossos primeiros centros de estudos superiores o surto de autonomia intelectual que a história brasileira registra e, se tivemos em congressos internacionais a admiração de povos de elevado teor cultural, devemos-la à teimosia dinâmica de um baiano irredutível, que resolvera desafiar a esfinge de uma pátria em formação.

Universidade não é, porém, um conjunto de estabelecimentos de ensino destinados a conferir graus de conclusão de curso a certo número de cidadãos que nela ingressaram com o objetivo de conquistarem um diploma miraculoso.

Universidade é, antes de mais nada, um estado mental particular, a que o grande Newman denominou “espírito filosófico”. A sua missão específica é a síntese, a estruturação e hierarquias do saber, o alargamento das perspectivas mentais e o aprofundamento da visão compreensiva da realidade. Quem passou pelos bancos universitários e deles não recolheu uma receptividade mais apurada para tudo quanto diz respeito aos grandes e miúdos problemas que agrilhoam o “peregrino do Absoluto” jogou fora um tesouro que lhe viera ter às mãos. Não basta ser capaz de fazer um diagnóstico com invejável precisão, nem argumentar com habilidade nas barras dos tribunais. Quem não se ergueu ao plano de “homem de elite” só passou pela universidade, não soube vivê-la. Ninguém melhor do que o extraordinário vulto do pensamento católico que foi o Cardeal Newman denunciou o “falso universitário”. “O homem de espírito estreito”, disse, “pretende compreender o que de fato não compreende: está convencido de que nada lhe falta por isso um elemento de progresso. Os espíritos estreitos não vêm as dificuldades; julgam-se capazes do converter os outros à sua

concepção de vida e, não o conseguindo, ficam desorientados. Acreditam que sua teoria resolve todos os problemas, refuta todos os argumentos, satisfaz a todas as apreciações. Imaginam-se precisamente na posse dessa verdade capaz de fazer caminhar tudo sem obstáculos. Sempre baralham e resolvem as mesmas idéias. Têm um ou dois sistemas que impõem com pedantismo, venham ou não a propósito: para tudo têm uma explicação à mão.

É para que nos desvencilhemos dessa mentalidade estacionária e possamos pensar com independência os nossos problemas – a independência de uma nação não é somente política ou econômica, mas acima de tudo intelectual – que devemos cuidar de erguer e sustentar as nossas universidades. Universidade, porém, no sentido real da palavra, isto é, no sentido de formação espiritual orgânica, construída em torno de uma verdade essencial e não de miríades de pequeninas verdades, cada uma das quais mais presunçosa e inchada que a rã da fábula. Até hoje – é uma experiência que as páginas da História revelam abundantemente – nenhuma outra instituição conseguiu infundir à arquitetura universitária o sentido de unidade que a Igreja Católica imprime a tudo quanto cria. A verificação do fato é tão curial, que eu não hesitaria dizer ter encontrado o clima universitário a sua mais correta expressão nas faculdades católicas de ensino superior de ciências e letras.

Eis porque se reveste das galas de uma festa nacional o início da construção do majestoso e belo conjunto onde em breves anos irá funcionar a Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro. Não se trata de obra santuária, nem postergável, mas de uma exigência elemento do nosso progresso intelectual e da penetração cada vez maior dos princípios católicos na alma generosa da adolescência. Se desejamos de fato – e o são patriotismo não pode indicar outro caminho – o rumo de liberdade de movimentos de idéias e da autonomia crítica, sem o que não há legítima soberania nacional, tratemos, com entusiasmo e afínco, de construir tempos de saber universitário para os nossos filhos. Somente dessa forma a renascente democracia brasileira poderá fazer deste solo estremecido aquilo que todos desejamos ver realizado: uma Pátria senhora de seus destinos e consciente da singular vocação histórica que a elegeu para continuadora dos novos cantos que algum futuro Luís de Camões haverá um dia de acrescentar aos “Lusíadas”.

*(Jornal do Brasil, 21/09/1951)*

\*